



**Universidade Federal do Maranhão
Centro de Ciências Humanas, Naturais, Saúde e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Educação Física**

**O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
INCLUSÃO DE ALUNOS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NA ESCOLA: Uma revisão de literatura**

KAROLINE CAMPOS PEREIRA

**Pinheiro - MA
2023**

KAROLINE CAMPOS FERREIRA

**O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
INCLUSÃO DE ALUNOS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA: Uma revisão de literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação Física da Universidade Federal
do Maranhão / Campus Pinheiro para
obtenção do Grau de Licenciado em
Educação Física.

Orientador: Prof.^a Dra. Rarielle Rodrigues
Lima

**Pinheiro- MA
2023**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

CAMPOS, KAROLINE CAMPOS.

O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA / KAROLINE CAMPOS PEREIRA. - 2023.

41 f.

Orientador(a): RARIELLE RODRIGUES LIMA.

Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro, 2023.

1. Educação Física escolar. 2. Educação Inclusiva. 3. TEA. I. LIMA, RARIELLE RODRIGUES. II. Título.

KAROLINE CAMPOS FERREIRA

**O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA: uma revisão de literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação Física da Universidade Federal
do Maranhão / Campus Pinheiro para
obtenção do Grau de Licenciado em
Educação Física.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

Profa. Dra. Rarielle Rodrigues Lima (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Ma. Elayne Oliveira
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Carlos Amorim
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho a primeiramente a minha sobrinha Vivian, por ter me ensinado que o aprender é uma construção do dia a dia e é inesgotável. Ao meu primeiro aluno com TEA, o Wallas, pelo carinho que teve com todas as atividades que realizamos juntos, que me despertou para a importância de estabelecer cada vez mais um ambiente educacional inclusivo.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por todo o sustento até aqui, pela minha saúde e por não ter me permitido desistir.

Agradeço a minha família por todo o suporte e apoio durante os anos de curso, agradeço a minha mãe Ildete de Fátima por ser minha maior motivação para melhorar como pessoa e mulher.

Aos meus avós Francisco Cavalcanti e Fátima Cavalcanti por me cuidarem todo esse tempo de vida e me mostrarem que não posso desistir dos meus sonhos por algum tropeço.

A minha sobrinha Vivian, por me ensinar diariamente que a vida floresce, quando estamos passando pela chuva, que depois de cair toda a água, vem o sol e alimenta tudo com luz e serenidade.

Minhas colegas de curso Milena de Mikely e Fernanda Ferreira por me ajudar a moldar, encaixando os pensamentos e sentimentos envolvidos neste trabalho.

Agradeço, também, aos amigos da panelinha, meu grupo de amigos que me compreenderam muito quando quis sumir e largar tudo para cima, em especial a minha amiga Josiane Cunha por todo incentivo a não deixar para trás esse momento, me recuando diante das dificuldades.

A minha orientadora Rarielle Rodrigues Lima por suas palavras de compreensão durante todo o percurso de escrita e sumiço.

A minha Banca examinadora, Prof. Dr. Carlos Amorim e Profa. Ma. Elayne Oliveira pelas considerações no processo de avaliação do meu texto.

Aos professores do curso de Licenciatura em Educação Física por todos os conhecimentos passados para a minha formação como professora de Educação Física.

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para que concluísse este trabalho.

Muito obrigada!

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido foco de inúmeras discussões por profissionais multidisciplinares que desempenham um trabalho para auxiliar os familiares e instituições que atuam para a aprendizagem dessas crianças. O grande número de diagnósticos referente a esse transtorno aponta a necessidade de maiores intervenções de estudos e pesquisas para auxiliar, compreender e atender a grande demanda que provém diante desses desafios como as principais características do TEA. O presente estudo tem como finalidade evidenciar os desafios do professor de educação física com crianças autistas a partir de uma revisão sistematizada da literatura com base nas produções entre 2010 e 2021 nas bases de dados *Scielo*, *Google* acadêmico e *Lilacs* utilizando os descritores Educação Física Escolar; Educação Física Inclusiva e TEA, analisando apenas produções em português. Participaram da análise dez artigos, cujos resultados foram caracterizados em dois eixos de compreensão: 1) práticas e metodologias utilizadas nas aulas de educação física e 2) principais desafios e dificuldades para a prática docente. Os resultados apresentaram a insatisfação do professor com a formação e carência de conhecimentos na sua área de atuação, apontam ainda que os professores utilizam atividades recreativas para ações lúdicas nas aulas sem necessariamente a construção eficiente para o acompanhamento específico dos alunos com TEA. A influência do profissional no acompanhamento desse aluno no ambiente escolar é de fundamental importância e indispensável a capacitação contínua do professor.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Educação Inclusiva; TEA.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) has been the focus of countless discussions by multidisciplinary professionals who work to help families and institutions that work to help these children learn. The large number of diagnoses regarding this disorder highlights the need for greater study and research interventions to assist, understand and meet the great demand that arises from these challenges as the main characteristics of ASD. The present study aims to highlight the challenges faced by physical education teachers with autistic children based on a systematic review of the literature based on productions between 2010 and 2021 in the Scielo, Google Scholar and Lilacs databases using the descriptors School Physical Education; Inclusive Physical Education and TEA, analyzing only productions in Portuguese. Ten articles participated in the analysis, the results of which were characterized in two axes of understanding: 1) practices and methodologies used in physical education classes and 2) main challenges and difficulties for teaching practice. The results showed the teacher's dissatisfaction with the training and lack of knowledge in their area of expertise, they also point out that teachers use recreational activities for playful actions in classes without necessarily efficient construction for specific monitoring of students with ASD. The professional's influence in monitoring this student in the school environment is of fundamental importance and essential to the teacher's ongoing training.

Keywords: School Physical Education; Inclusive education; TEA

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fluxograma da estratégia de busca e seleção dos artigos analisados.....	21
Quadro 1: Artigos selecionados a partir dos descritores dispostos por autor, ano, título, objetivo e metodologia (2010-2021).	23
Gráfico 1: Distribuição por Estado dos artigos analisados (n=10)	28

LISTA DE SIGLA

TEA – Transtorno do Espectro Autista

TGD – Transtorno Global do Desenvolvimento

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

DSM-5 – Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Aproximações com a temática: as experiências pessoais, profissionais e acadêmicas	12
1.2 Articulando as informações técnicas do interesse de pesquisa.....	14
1.3 Conceituações sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	18
2 METODOLOGIA	19
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
3.1 Práticas e metodologias utilizadas nas aulas de Educação Física.....	27
3.2 Principais desafios e dificuldades para a prática docente.....	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

1.1 Aproximações com a temática: as experiências pessoais, profissionais e acadêmicas

O meu envolvimento com o processo de formação em Licenciatura em Educação Física sempre esteve imerso na minha percepção de que poderia alcançar pessoas de maneira especial, com mais afeto e empenho do que o gosto que tenho pela prática esportiva em si. Assim, a Educação especial e inclusiva sempre rodeava minhas escolhas de leitura.

Inicialmente meu foco estava em crianças com síndrome de down, pois desde a minha infância, no âmbito familiar, tive contato com a síndrome por um parente apresentar o diagnóstico. Ainda me lembro do termo mongolismo no laudo médico que me inquietou muito, por algum tempo. Mas o que chamava atenção era a forma que ele era tratado pelas outras pessoas, era visto como uma criança no corpo de uma pessoa de 35 anos e totalmente incapaz, sem acesso à escola, a sociedade e até de alguns familiares, e isso me inquietava profundamente.

Passando por toda essa situação inquietante, a educação física foi uma área que observei como potencializadora, dentro da minha realidade de acesso à formação, para elaborar uma condução profissional que possibilitasse para esse público uma oportunidade de conhecer a autonomia, o desempenho e a autovalorização. No primeiro momento de elaboração do projeto de pesquisa que culminaria com este trabalho de conclusão de curso, tinha em mente a execução de uma pesquisa de campo na instituição da APAE de Pinheiro/MA, mas devido ao contexto da pandemia da COVID-19 (isolamento social e redução das atividades pedagógicas) tive que realizar as mudanças das intenções de pesquisa e com isso me aproximo da temática de cuidado com pessoas com transtorno do espectro autista, devido uma necessidade de aprimoramento para execução das tarefas de estágio curricular obrigatório no ensino infantil em uma escola da rede municipal de ensino público de Pinheiro/MA com crianças da pré-escola.

Nesse contexto, me vi diante de algo que não sabia, não tinha ideia de como lidar, então comecei a ler sobre para aplicar algo no meu estágio e

auxiliar as próprias professoras da escola, que por não terem suporte teórico, elas reproduziam a maneira como os pais orientavam, o que acarretava em uma prática que não estimulava as potencialidades da criança autista e que, conseqüentemente, a isolava ainda mais durante as atividades pedagógicas, o quê, muitas vezes, desencadeava crises e desconfortos durante alguns momentos na sala de aula. Toda essa situação me angustiava, pois sabia que era necessário um processo de intervenção mais adequado e por isso fui consolidando a minha intenção e motivação para estudo sobre a temática.

Após alguns meses de estudo e leituras para a construção do meu TCC, comecei a observar os comportamentos da minha sobrinha com mais detalhes e a maneira como ela se relacionava com o mundo me levavam diretamente aos trabalhos que estava selecionando para desenvolver as análises da minha pesquisa. Naquele momento, comecei a suspeitar que minha sobrinha poderia ser autista e com isso, veio aquele misto de sentimentos, pois não sabia explicar de maneira tranquila e clara para minha irmã o que poderia ser aquela situação que observa; pois, para a minha irmã, assim como para muitos pais, os primeiros sinais de identificação do autismo é manha, dengo ou quando crescer muda.

Todos os trabalhos que estava reunindo orientavam aos professores na pré-escola enxergarem os seus alunos com cautela e cuidado para conseguir orientar os pais e/ou responsáveis. Diante disso, eu pedi para minha irmã para esperarmos a fase da pré-escola da minha sobrinha, para que então tivéssemos as informações, as condutas e acompanhamentos para o diagnóstico e, assim, providenciamos os quesitos avaliativos clínicos como medida preventiva sobre algo que ela não tinha noção.

Quando tivemos retorno das professoras sobre o comportamento da minha sobrinha na escolinha não foi surpresa, mas o impacto foi inesperado para todos. O sentimento de frustração que é associado à concretude do autismo, especialmente quando as necessidades específicas de uma criança atípica são marcadas como negativas, tomou conta de toda a família, após o diagnóstico com o auxílio de uma equipe multidisciplinar. Depois desse momento confesso que me perdi bastante com as minhas prioridades diante do trabalho que estava levantando sobre o autismo, não o enxerguei como antes. Entrei em uma espécie de negação e, com isso, meu trabalho ficou em

segundo plano, pois a motivação e o interesse tinham se perdido.

Com algumas mudanças significativas na minha rotina profissional por demandas alheias aos acontecimentos até aqui mencionados, a temática sobre os estudos da educação física e autismos ficaram cada vez mais distantes, não estava conseguindo lidar com as demandas da vida com minha sobrinha e as pesquisas da área. Assim, pausei por um bom tempo. Mas, durante este período identifiquei a necessidade, enquanto professora de educação física, de abordar o tema como um elemento transformador da minha realidade e com isso finalizar este trabalho.

Escrever sobre como os caminhos foram seguidos durante o amadurecimento desta pesquisa é importante porque demonstra o quanto é complexo as escritas e a vida da pessoa que pesquisa, pois os interesses sobre o conhecimento também são construídos nas experiências que vivemos.

1.2. Articulando as informações técnicas do interesse de pesquisa

O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) afirma que há inúmeros transtornos do neurodesenvolvimento, e dentre eles se encontra o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O DSM-5 (2014) esclarece que o TEA possui como principais características: padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades e o prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social.

O Transtorno do Espectro Autista tem sido tema de debate entre vários autores (Fiorini; Manzini, 2016; Oliveira; Sertie, 2017; Fernandes; Marciela, 2014). O aumento do quantitativo de produção na área ocorreu devido ao compartilhamento de experiências e vivências de famílias atípicas com o objetivo de auxiliar outras famílias que possuem crianças com TEA. Atualmente existem muitos materiais disponíveis nas mídias e na internet sobre TEA, porém trata-se de um transtorno que necessita ser mais aprofundado pela sociedade no que se refere às suas características, diagnóstico e tratamento, visto que ainda é um assunto desconhecido para grande parte das pessoas. pois, para compreendê-lo, torna-se necessário conceituá-lo, algo que ainda é muito incerto para diversos estudiosos e

teóricos.

Castelli, Assis e D'Antino (2016) citando a Associação Americana de Psiquiatria, afirmam que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como um conjunto de anormalidades do comportamento, caracterizado por prejuízos da interação e da comunicação social, acompanhado por repertórios restritos e repetitivos de comportamentos, atividades e interesse. Uma das principais características do TEA é a falta de interesse pela socialização, a inércia num mundo particular que a falta de estímulos externos não interfere no seu comportamento.

Ainda com os autores, o TEA, de acordo com seu nível, pode ser classificado como leve, moderado ou severo. Quando o aluno apresenta os níveis leve e/ou moderado do TEA, apresenta uma situação bem mais fácil de adaptar, proporcionar a inclusão e o desenvolvimento genuíno. Isso não ocorre quando o indivíduo possui o nível severo, visto que apresenta problemas na adaptação ao ambiente escolar e de aprendizagem, uma vez que as escolas especializadas nesse público ainda são poucas.

Desse modo, entendemos que, para uma escola ser realmente inclusiva, não basta apenas ter alunos com TEA matriculados, é preciso que sejam inseridos em todo o contexto escolar, com as adequações necessárias na estrutura escolar, na formação dos professores, nos recursos multifuncionais que vão garantir o desenvolvimento desses indivíduos. Assim, reiteramos que a inclusão escolar está estritamente vinculada ao respeito à diversidade social inserida no ambiente educacional com ações de toda a comunidade acadêmica, isto é, dos professores, dos pais, alunos e outros envolvidos na luta pela conscientização do direito à cidadania e à educação de qualidade.

Enquanto conteúdo curricular obrigatório, a Educação Física mostra-se importante para a postura, flexibilidade, combate ao sedentarismo, socialização, desenvolvimento motor, cognitivo e demais benefícios fisiológicos, principalmente para aqueles que apresentam algum tipo de deficiência, e no caso deste estudo, em foco, o Transtorno do Espectro do Autista (TEA).

Sobre a Educação Física, Bezerra (2013, p. 245) relata que “a Educação Física apresenta o seu interesse básico no movimento humano, se

preocupando com o relacionamento entre o desenvolvimento motor e outras áreas da educação”. Eis a importância de se desenvolver nas escolas a Educação Física Inclusiva a qual tem como objetivo de garantir o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo de todas as crianças envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

1.3 Conceituações sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA)

De acordo com Caetano e Gomes (2021), o autismo pode ser caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta, de diversas formas, a capacidade da pessoa de se comunicar, estabelecer relacionamentos e responder ao ambiente em que vive. Esses são os principais sinais que levam os pais a procurar um profissional especialista para realizar uma consulta e traçar um acompanhamento com o seu filho. Seu diagnóstico é clínico e feito pelo médico psiquiatra ou neuropediatra, com base na anamnese com os pais, observações nas consultas e sustentado pelos relatórios da equipe multidisciplinar que auxiliam na investigação, tais como fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicólogos de análise comportamental e neuropsicólogos.

De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (2014, p. 50), “o TEA é caracterizado por déficits de comunicação e interação social em múltiplos contextos, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades”. Ainda conforme o DMS-5, os sintomas do TEA são aparentes desde o início da infância e se restringem ou prejudicam o aprendizado diário. Embora os sintomas iniciem desde a infância, muitas crianças ainda são diagnosticadas de forma tardia. Alguns casos por desinformação ou até mesmo por resistência familiar, além do diagnóstico inadequado pela dificuldade de mapear os comportamentos da criança diante do momento de consulta.

Para reforçar as características relacionadas às características apresentadas pelas crianças com TEA tem-se que:

Costumam ter interesses restritos, são detalhistas, são apegados às rotinas, movimentos e comportamento

estereotipados, são super sensíveis ao toque, apresentam hipercinesia, andam nas pontas dos pés, são avessos a mudanças, são eufóricos e ansiosos, se auto agridem, aversão a qualquer tipo de barulho, amam água, aversão à claridade, hiperativos, instabilidade de afeto e humor, costumam ter insônia, gostam de música, são super habilidosos em determinadas atividades, mas apresentam dificuldades para realizar atividades básicas como banhar, escovar os dentes, se alimentar, dificuldade na coordenação motora fina, toleram dores intensas e a fome (Stelzer, 2017, p.10-11).

Essas crianças precisam ser estimuladas para alcançarem seu desenvolvimento, e para isso precisam estar na escola. Quanto mais cedo houver um diagnóstico e uma intervenção, maior será a chance de desenvolver suas potencialidades e serem incluídas efetivamente na sociedade.

No contexto escolar, a Educação Física é uma área que tem grande influência na inclusão e no desenvolvimento de alunos com TEA (Stelzer, 2017; Siqueira; Chicon, 2020). Para que essa inclusão ocorra de maneira satisfatória, e os alunos tenham ganhos, os professores precisam ter um entendimento sobre o desenvolvimento cognitivo, motor e sensorial, metodologias e propostas pedagógicas adequadas aos alunos.

Para os alunos com TEA, a participação em atividades físicas, como a Educação Física e os esportes organizados, pode ser considerada um problema pela grande demanda de habilidades sociais e atléticas dessas atividades. Assim, nas aulas de Educação Física esses alunos sentem medo de se lesionarem, dificuldade em algumas atividades, como jogar bola, pular corda, além das questões sensoriais que também prejudicam muito, existe o *bullying* e a exclusão destes alunos comparados aos demais, que é insistentemente presente nos ambientes escolares, e não podemos negligenciar que avançamos muito sobre o debate dessas temáticas nas escolas.

Para enfrentar os referentes desafios, esses indivíduos precisam do apoio da escola, dos professores e dos pais. No entanto, a realidade é que muitas escolas só recebem esses alunos para cumprir a lei e não possuem estrutura adequada e professores qualificados para atender a esse público. Em estudo realizado por Torres (2023) sobre acolhimento pedagógico de

crianças autistas, é evidenciado que o envolvimento de toda comunidade escolar e família é parte fundamental para a adaptação, destacando que a recepção dos alunos precisa ir além do cumprimento da lei, precisa ser efetivo e participativo.

Diante desse contexto, torna-se importante pesquisar sobre a Educação Física Inclusiva de alunos com TEA por ser uma temática urgente e que tem sido discutido por diversas áreas do conhecimento para que se pense os espaços de construção de uma educação efetivamente inclusiva, especialmente para os alunos que apresentam TEA. Assim, apresentamos como pergunta problema: De que forma os professores de Educação Física podem contribuir na inclusão de alunos com TEA?

A partir de nossa pergunta norteadora, o presente estudo tem como objetivo geral identificar o papel do professor de Educação Física na inclusão de alunos com TEA. Já os objetivos específicos são: 1) abordar a Educação Física inclusiva; 2) descrever sobre as principais metodologias utilizadas pelos professores e 3) compreender as dificuldades dos professores com esses alunos.

Este trabalho está organizado em três seções:

A primeira corresponde ao contexto metodológico, especificando como a pesquisa de bibliográfica de revisão foi realizada e suas etapas de execução;

A segunda está direcionada às análises e discussões dos resultados obtidos durante o processo de construção deste trabalho;

A terceira corresponde às considerações finais e conclusões sobre o que foi percebido durante as análises.

2 METODOLOGIA

Este estudo se constitui como um estudo bibliográfico, do tipo revisão sistemática de literatura sobre o papel do professor de Educação Física na inclusão de alunos com o TEA. Pois, esse tipo de estudo envolve a coleta, seleção e análise de fontes bibliográficas relevantes para entender o estado atual do conhecimento em uma área específica. O objetivo é fornecer uma visão abrangente e atualizada do que já foi pesquisado e publicado sobre o tema em questão (GIL, 2010).

Segundo Rother (2007, p. 01), a revisão sistemática é

uma revisão planejada para responder uma pergunta específica e que utiliza métodos explícitos e sistemáticos para identificar, selecionar e avaliar criticamente os estudos, e para coletar e analisar os dados destes estudos incluídos na revisão.

Foram pesquisadas as bases de dados Google Acadêmico, *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO) e *National Library of Medicine* (PUBMED) para artigos científicos publicados entre o ano 2010 a 2021, utilizando os seguintes descritores: Transtorno do Espectro Autista; Educação Inclusiva e Educação Física e Professor, durante os meses de junho a outubro de 2022.

Na primeira tentativa de coleta dos materiais, percebemos que a linha de estudos não atendiam com os seus objetivos a mesma racionalidade que queríamos ter com este trabalho. Com isso, fizemos mudança com dois dos descritores para: Educação Física Escolar; Educação Inclusiva; TEA. Desse modo, delimitamos ainda mais as pesquisas para obter resultados de estudos mais estruturados e alinhados com o nosso objetivo, destacando as informações sobre os resultados e as temáticas de abordagem dos estudos fossem mais próximas à nossa realidade.

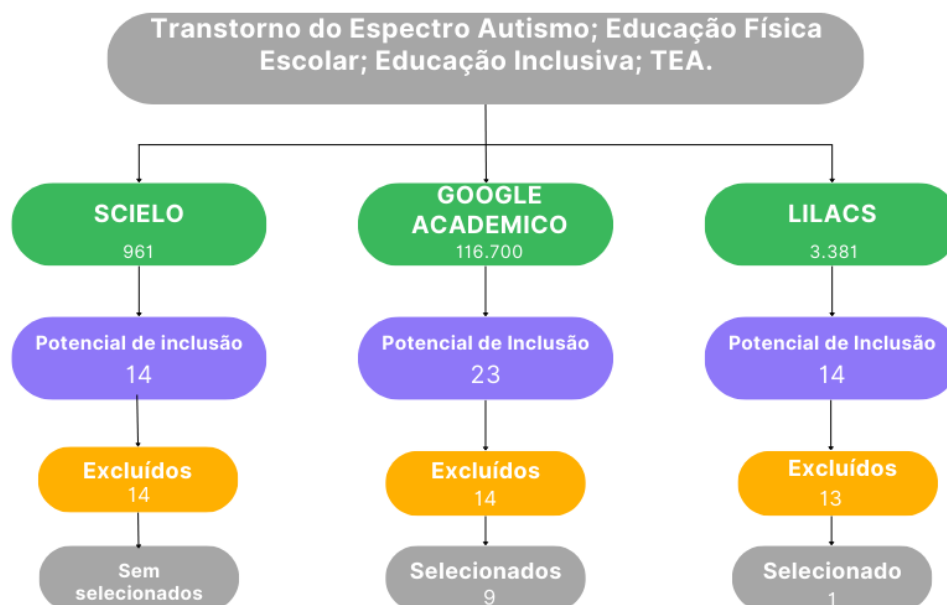
Ainda na primeira fase de busca deste trabalho de revisão fizemos pesquisas por plataformas como Pubmed, porém, não obtivemos êxito com os critérios de inclusão que estabelecemos juntos aos resultados das demais plataformas de pesquisas escolhidas, então não selecionamos para análise nenhum dos estudos da plataforma Pubmed e optamos pela Lilacs, onde encontramos diversos estudos pertinentes a nossa temática, assim,

estabelecemos os critérios de exclusão estabelecendo apenas os que nos atendiam.

Utilizamos como critérios de inclusão artigos científicos completos publicados em revistas científicas, que apresentavam pelo menos dois dos descritores no título e no resumo entre os anos de 2010 e 2021, no idioma português cujos resultados contemplassem aspectos relacionados ao papel do professor de Educação Física com alunos com Transtorno do Espectro Autista e que fossem pesquisas de campo realizadas em instituições de ensino público.

Diante da análise de diversos artigos acadêmicos utilizando-se os descritores selecionados (Ver figura 1), foram analisados 51 artigos com abordagem no tema em estudo, deste total, com base nos critérios de inclusão e exclusão (artigos fora da temporalidade escolhida, artigos duplicados, sem pelo menos dois dos descritores, que não atendiam o objetivo da proposta do presente estudo, que não eram em instituições públicas ou pesquisas de campo realizadas no Brasil). A amostra foi constituída de 10 artigos, dentre os quais abrangem uma temporalidade de 9 anos entre 2013 a 2021, tendo como autores, profissionais da área da educação física.

Figura 1 – Fluxograma da estratégia de busca e seleção da discussão dos dados.



Fonte: autora (2022)

A pesquisa por estudos que tratassem sobre o papel do professor de Educação Física com alunos com TEA nos principais periódicos da área alcançou 10 artigos que foram relacionados e organizados em um quadro evidenciando autoria, ano de publicação, objetivo e metodologia utilizada no levantamento dos dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados dez artigos cujo ano de publicação varia entre 2015 e 2021 e estão expressos quanto a autoria, ano de publicação, objetivos e metodologia no quadro 1. No gráfico 1 evidenciamos o estado de realização da pesquisa, assim percebemos que 40% das publicações se concentram no Estado de São Paulo.

Quadro 1- Artigos selecionados a partir dos descritores dispostos por autor, ano, título, objetivo e metodologia (2010-2021).

Autor	Ano	Título	Objetivo	Metodologia
Juliana Maia, Giandra Anceski Bataglioni e Janice Zarpellon Mazo	2020	Alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola regular: relatos de professores de Educação Física	Apresentar a percepção de docentes de Educação Física de Porto Alegre e Região Metropolitana, no Rio Grande do Sul, acerca da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola regular.	Entrevistas semiestruturadas com oito professores de Educação Física que possuem alunos com TEA.
Carolina Quedas-Castelli, Silvana Blascovi-Assis e Maria Eloisa D'Antino	2016	O Transtorno do Espectro Autista e a Educação Física Escolar: A Prática do Profissional da Rede Estadual de São Paulo	Descrever e analisar as experiências de professores de educação física na inclusão de alunos com transtorno do espectro do autismo (TEA) em escolas estaduais da cidade de São Paulo, Brasil.	Abordagem qualitativa, com 10 professores da área de educação física, por meio de levantamento de perfil do professor e de entrevistas semiestruturadas.

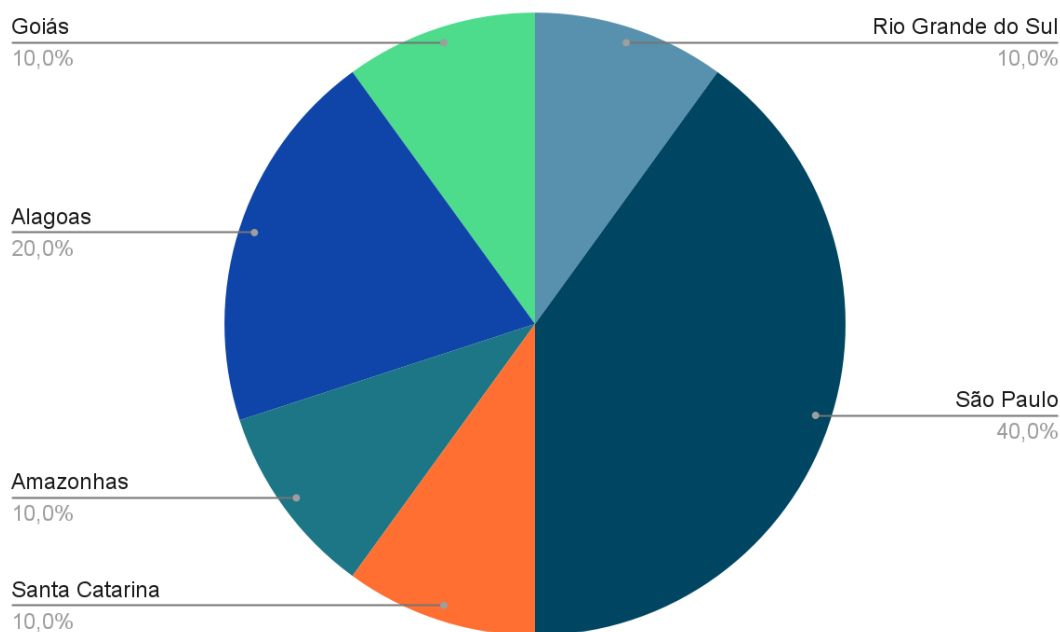
Rihanna Cardozo de Castro Franzoni, Alcyane Marinho.	2020	O papel do professor de Educação Física na atuação com pessoas com transtorno do espectro autista em um programa de esporte e lazer de Florianópolis (SC).	Investigar o papel do professor de Educação Física na atuação com pessoas com TEA em um programa de esporte e lazer de Florianópolis (SC).	Roteiros de entrevistas semiestruturadas e uma matriz de observação sistemática com professores de educação física e familiares dos alunos autistas.
Larissa Nascimento dos Santos, Victor Matsui de Paula, I.J. Ferreira.	2021	Crianças com autismo nas aulas práticas de educação física – uma proposta de inclusão.	Propor meios de intervenção para inclusão deste escolar dentro das aulas práticas de Educação Física	Estudo de caso acompanhando alunos autista do ensino básico.

Eduardo da Silva Maciel, Aislan Vandelei Vieira, Marily Oliveira Barbosa.	2017	O ponto de vista dos professores de educação física escolar sobre o estudante com transtorno do espectro autista (TEA).	Analisar o ponto de vista dos professores de Educação Física escolar sobre os estudantes com TEA em ambiente de escola regular.	Pesquisas de campo do tipo qualitativa com utilização do instrumento do questionário com professores do ensino regular.
Ubirajara da Silva Caetano, Marineide de Oliveira Gomes.	2021	Intervenções lúdicas inclusivas: possibilidades e dificuldades de interação e comunicação de crianças com transtorno do Espectro Autismo (TEA) em aulas de Educação Física Infantil	Analisar as possibilidades e as dificuldades de interação e comunicação por meio de intervenções lúdicas inclusivas na pré-escola, em aulas de educação física com crianças autistas.	Análise documental, observação participante, registros audiovisuais e Diário de Campo com três alunos autistas da pré-escola em aulas de educação física.

Jessica Rezende Souza, Renata Machado de Assis.	2015	Alunos autistas nas aulas de educação física: limites e possibilidades do trabalho cotidiano.	Verificar como os professores de EF lidam com alunos autistas durante as aulas, nas escolas públicas de Jataí.	Pesquisa de campo com professores de alunos autista da rede de ensino regular.
Lucas Augusto de Mello, Maria Luiza Salzani Fiorini, Daniel Pereira Coqueiro.	2019	Benefícios da educação física escolar para o desenvolvimento do aluno com transtorno do espectro autista na percepção dos professores.	Investigar a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) sob a ótica dos professores de Educação Física (PEF).	Pesquisa de campo com professores com aplicação de questionário sobre desenvolvimentos dos alunos autista na aula de EDF.

Ana Paula Costa, Karine Barros da Silva, Wemyclenia Lira dos Santos.	2015	ADAPTAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA: um estudo de caso	Analisar como ocorrem as adaptações na Educação Física Escolar para inclusão do aluno autista.	Estudo de caso sobre aluno autista de fundamental, percepção da mãe e da professora de educação física.
Maria de Lourdes Moraes Pezzuol.	2017	Contribuições da educação física escolar na inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) no ensino público regular do estado de São Paulo – um estudo de caso.	Apresentar a participação e integração de dois alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) do ensino fundamental II, no desenvolvimento das aulas de educação física em uma escola pública de ensino regular.	Relato de experiência sobre dois alunos autista do ensino fundamental e seu desenvolvimento nas aulas de educação física.

Fonte: autora (2022).

Gráfico 1: Distribuição por Estado dos artigos analisados (n=10)

Fonte: Autora, 2022

Para a discussão e análise dos dados encontrados, foram categorizados os resultados em duas grande categorias: 1) Práticas e metodologias utilizadas nas aulas de Educação Física e 2) Principais desafios e dificuldades para a prática docente. Dessa forma, apresenta-se de maneira agrupada as diversas possibilidades apresentadas pelos artigos analisados.

3.1 Práticas e metodologias utilizadas nas aulas de Educação Física

A Educação Física escolar como meio pedagógico, tem contribuições significativas para fornecer às pessoas autistas. Sendo que seus conteúdos abrangem todo e qualquer corpo, independente do estado cognitivo, diferenciando-se apenas pelas estratégias metodológicas desenvolvidas, as quais precisam abarcar as possibilidades de execução de seus alunos/as.

Segundo Maia, Bataglion e Mazo (2020), no trabalho intitulado “*Alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola regular: relatos de professores de Educação Física*” primeiramente para se criar uma relação com o sujeito

autista é importante no primeiro momento estabelecer uma relação e saber: Quem é esse sujeito? Quais os seus vínculos com o mundo? O que essa criança já conhece? Essas perguntas permitem um levantamento de dados que possibilitam considerar o que esse sujeito já conhece. Desta forma, segundo as autoras, possibilitando ancorar com a realidade da criança os trabalhos do/a professor/a, norteando as suas aulas as reais possibilidades de aprendizagem dos seus alunos, assim, elencando de maneira satisfatória na aprendizagem do seu aluno autista.

A partir desse ponto, pode-se interagir com estratégias em grupo para o desenvolvimento de habilidades básicas. De acordo com as autoras, os objetivos de trabalho com a criança autista devem ser feitos tomando a criança para si mesmo. Conhecer a criança previamente estabelece uma intensidade de foco de trabalho do/a professor/a, permitindo que não sejam realizadas intervenções que não desencadeiam a resposta esperada ao estímulos, relacionando o que o professor espera com o objetivo da aula com o todo da turma, isso é importante para dar prioridade a metas das tarefas que serão trabalhadas.

Quanto a desenvolver o propósito da aula, é importante haver um meio que estabeleça flexibilidade para as necessidades do aluno, horários, o tempo do aluno em sala de aula podendo-se trabalhar em grupo ou individual. Essas são estratégias que o professor deve se aprimorar para desenvolver a linguagem da criança com autismo. Outro fator importante é a rotina comum em quase todos os casos de autismo, são pontos que precisam apresentar uma comunicação direta, pois sabemos que a falta de rotina implica diretamente na adaptação do autista ao ambiente (Martins; Camargo, 2023).

Segundo Franzoni e Marinho (2020), em seu estudo “*O papel do professor de Educação Física na atuação com pessoas com transtorno do espectro autista em um programa de esporte e lazer de Florianópolis (SC)*”, a importância da participação assídua e contínua do aluno nas atividades precisa ser reconhecida como elemento de aprimoramento dos estímulos e aprendizagens para que sejam possíveis mudanças de comportamento na criança. Logo, as observações possibilitaram a visualização do esporte como instrumento de promoção da socialização, indicado pelos familiares como um dos motivos para manter o aluno no programa.

O esporte pode ser identificado durante as atividades por meio da utilização dos seus fundamentos, como por exemplo: uma brincadeira que tem como objetivo acertar a bola no alvo, fazendo analogia à cesta no basquetebol; ou uma brincadeira na piscina que tem o intuito de lançar a bola com uma mão só no gol da equipe adversária, caracterizada pela semelhança com o polo aquático, e, por sua vez, estimulando o diálogo entre os grupos (Franzoni; Marinho, 2020).

Assim, o trabalho de Santos, Paula e Ferreira (2021), "*Crianças com autismo nas aulas práticas de educação física – uma proposta de inclusão*", propõe a realização de atividades colaborativas, das quais possuem como dinâmica a união de um único grupo a fim de realizar um objetivo em comum, esperando que, ao fazer necessária a participação do aluno autista, o mesmo crie interesse em realizar as aulas, uma vez que os colegas também necessitavam de sua colaboração para obter sucesso na realização das tarefas. Notavelmente, explorar aspectos do desenvolvimento como comunicação verbal e não verbal e interações nos alunos com TEA contribuem para sua percepção e participação nas aulas de Educação Física.

Em vista disso, nas aulas de Educação Física, em turmas em que existam alunos com TEA, deve ser realizada sempre no mesmo horário e com duração previamente determinada, possibilitando assim, uma adaptação cotidiana desse aluno. Assim, em algumas atividades especiais da disciplina de Educação Física como, por exemplo: excursões ao campo, passeios de bicicleta ou saídas para eventos esportivos; o aluno deve ser avisado com pelo menos duas semanas de antecedência para que se acostume com a ideia dessa grande mudança em sua rotina. Por isso, a compreensão de tempo de adaptação é essencial para a condução "controlada" das atividades pedagógicas propostas.

Como prática para a efetivação da inclusão nas aulas de Educação Física, Costa (2010) corrobora com os artigos analisados ao apontar que Educação Física, como disciplina, pode atuar junto aos alunos que apresentam o TEA, realizando atividades coletivas ou individuais que potencializam a socialização e a interação social destes alunos, possibilitando-lhes o desenvolvimento da consciência corporal, a qual lhes permite a construção de si próprios como seres sociais inseridos no mundo.

Assim, elencamos que é preciso levar para a sala de aula conteúdos que propicie reflexões aos alunos, trazendo o ensino de movimentos que possa ser útil em seu cotidiano, que o aluno consiga através desses movimentos, avanços sociais, melhora na qualidade de vida, não somente em termos biológicos, mas em termos sociais, pois o indivíduo deve ser tratado como um Ser Humano em Movimento.

Desse modo, compreendemos que a corporeidade é expressa no conjunto das manifestações corporais como dançar, jogar, lutar, entre outras, sendo que estas possibilitam um desenvolvimento físico afetivo, social e cognitivo. Além disso, um dos papéis do professor de Educação Física é estimular as necessidades, as possibilidades e as potencialidades do autista enquanto alunos; por meio de atividades lúdicas e de jogos esportivos adaptados às necessidades de cada um (Rechineli; Porto; Morreira, 2008; Costa, 2010).

Maciel, Vieira e Barbosa (2017), em seu estudo “*O ponto de vista dos professores de educação física escolar sobre o estudante com transtorno do espectro autista (TEA)*”, reforçam que o uso de elementos visuais (comunicação alternativa), enfatizam a organização do ambiente de aula com materiais didáticos. Os autores demonstram no trabalho uma série de atividades lúdicas simples realizadas em sala de aula que podem ser anexadas no quadro de experiências do grupo para facilitar a compreensão de todos sobre as orientações (previsibilidade), pois, especialmente para crianças com autismo, deve haver sempre um estímulo de uma comunicação clara e a interação entre pares.

Assim, como recurso metodológico, alguns objetos que podem ser utilizados em sala de aula como as bolas coloridas (pois os autistas fixam a atenção devido ao seu aprendizado visual) e por elas possibilitarem atividades individualizadas e/ou em grupos, permitindo a interação do aluno com as atividades e os demais alunos. Objetos com muitas cores e que se movimentam, podem proporcionar, ao aluno com TEA, um maior interesse em utilizá-lo. Somando a isso, o primeiro contato com o material da aula tem que ser realizado de maneira gradativa para que haja uma familiarização com as texturas, as cores e o som que o determinado instrumento da aula pode vir a fazer ao cair no chão ou ser sacudido.

Caetano e Gomes (2021), em *“Intervenções lúdicas inclusivas: possibilidades e dificuldades de interação e comunicação de crianças com transtorno do Espectro Autismo (TEA) em aulas de Educação Física Infantil”*, descrevem que a interação deve ser o ponto mais importante da intervenção para inclusão em sala de aula, por meio de atividades que estimulem o trabalho cooperativo e a colaboração com os demais integrantes daquele espaço. Essas atividades podem ser realizadas no início da reunião (antes sessão), através de cumprimentos e comentários positivos, e também como no encerramento (no final da sessão). No momento da aula é possível utilizar ainda os jogos colaborativos, ao invés dos jogos competitivos no horário do recreio, para ampliar as relações de interação entre os sujeitos.

Mello, Fiorini e Coqueiro (2019), em *“Benefícios da educação física escolar para o desenvolvimento do aluno com transtorno do espectro autista na percepção dos professores”*, destacaram o uso de estratégias de tutores de pares para alunos com TEA como uma forma potencial de estimular sua participação e interação nas aulas de educação física escolar. No entanto, ressaltam que são necessários o planejamento e a capacitação prévia dos alunos mentores. Que propõe o trabalho em duplas, no esquema tutor-tutelado, com a posterior inversão de papéis. Nessa lógica, o método apresentado pelos autores em questão, considera que o aluno com TEA, em determinado momento, tenha a oportunidade e seja motivado a assumir o papel de tutor, assim como os seus pares, sem necessidade.

Os autores enfatizam que como para qualquer outro indivíduo, a atividade física pode proporcionar ao autista uma melhora significativa de sua vida, através de substâncias liberadas no decorrer da execução das atividades. Por isso, deve-se realizar um acompanhamento de acordo com o desenvolvimento do aluno para melhor elaborar atividades ou métodos de ensino-aprendizagem com o intuito de manter, na medida do possível, a evolução do aluno.

Desse modo, em um contexto amplo, os benefícios da educação física transcendem os espaços da sala de aula, pois ao melhorar o desenvolvimento social e o condicionamento físico do autista, a Educação Física auxilia também outros aspectos muito importantes para um avanço significativo no

convívio social e comportamental, beneficiando uma melhora no estado emocional, diminuição das estereotípias, melhora na atenção (diminuição da Hiperatividade), diminuição da agressividade devido ao aumento do nível da substância B-endorfina e Adrenalina plasmática aumentando o apetite, melhora no sono e aumenta a sensibilidade dos agentes farmacológicos (Silva, et. al, 2018).

Assim, Pezzuol (2017) em *“Contribuições da educação física escolar na inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) no ensino público regular do estado de São Paulo – um estudo de caso”* argumenta que o planejamento de aulas de educação física adaptadas precisa se pensando no contexto do currículo e no perfil do TEA presente na escola considerando os diferentes graus e intensidades de comprometimento e comportamento dos alunos, pode promover a integração e a socialização, “seja por meio da prática de esportes ou nas simples brincadeiras, ações que potencializam uma melhor qualidade de vida junto ao desenvolvimento de cada aluno no reconhecimento da existência de um trabalho escolar integrado” (Pezzuol, 2017, p.11).

Sobre as metodologias, consideramos que a Educação Física pode possibilitar o desenvolvimento de habilidades e melhorar a qualidade de vida, é possível interagir com pessoas com TEA através da reorganização do comportamento, por meio de atividades que trabalhem a independência e promovam o brincar no aluno, respeitando suas oportunidades. Portanto, cabe ao professor de Educação Física, preferencialmente, em diálogo com outras áreas do conhecimento, estimular a possibilidade de interação do aluno com o TEA, por meio de atividades que a tornem necessária.

3.2 Principais desafios e dificuldades para a prática docente

Compreendemos que o professor de Educação Física tem o papel de estimular as possibilidades e as potencialidades do aluno com TEA com atividades lúdicas e jogos adaptados às necessidades de cada indivíduo ou grupo. No ensino da Educação Física para esses alunos é preciso conhecer

as características individuais de cada aluno, valorizando sempre seu desempenho e o motivando sempre para obter respostas aos estímulos que são direcionados à ele, de maneira com que não fique sufocado, cansado ou perca o interesse facilmente, como destacamos na seção anterior.

Se tratando do fator de inclusão, a atuação do educador nesta situação reflete a uma atitude de não rejeição, que busca valorizar a autoestima e autoimagem do aluno. Nesse sentido, o profissional de Educação Física deve utilizar atividades baseando-se no que a criança gosta, não impondo algo que ele não teve contato ou não gosta, acrescentando-as gradativamente conforme a criança for se adaptando, respeitando esse período de adaptação para que não haja repulsa diante de demais estímulos que seja necessário para uma nova temática.

Entretanto, por meio dos estudos revisados, percebemos que o professor muitas vezes não consegue lidar com os desafios que surgem quando um aluno com autismo, sente-se despreparado e não consegue criar condições para uma inclusão efetiva. Evidenciando o seu total despreparo diante de uma situação que a cada dia está sendo mais presente numa rotina escolar regular, que precisamos pontuar sempre, cada ano letivo temos mais alunos com diagnóstico de TEA presentes no ensino regular, o que nos acarreta necessidade urgente de preparo para acolhê-los em nossas aulas e estabelecer um ambiente inclusivo e uma educação inclusiva efetivamente.

Nesse sentido Silva et. al (2018, p. 128) afirma que

Ao falar da dificuldade do profissional com esse público, podemos pontuar a compreensão as regras estabelecidas, comandos, as disfunções motoras que podem contribuir para uma má comunicação e também a forma que é aplicado determinados exercícios

Para acolher a criança corretamente, Souza e Assis (2015), em “*Alunos autistas nas aulas de educação física: limites e possibilidades do trabalho cotidiano*”, colocam que se tem que entender que alguns dos aspectos que fazem o processo de inclusão de alunos com TEA nas escolas são: a falta de formação profissional adequada, falta de recursos e materiais adequados, barreiras arquitetônicas e físicas, barreiras atitudinais humanas que permeiam as práticas pedagógicas em relação à inclusão, entre outras.

Segundo os autores, a formação do educador implica um processo contínuo, no qual o professor deve ir além do feedback e de sua presença em cursos e ações voltadas para mudanças no processo ensino-aprendizagem. Atualizando-se do que tem se voltado para mediar o ensino inclusivo e levantar a necessidade de mais abordagens vigentes para elencar o seu conhecimento e a sua metodologia de ensino.

Nesse sentido, os estudos de Catelli, Assis e D'Antino (2016), em "*O Transtorno do Espectro Autista E a Educação Física Escolar: A Prática do Profissional da Rede Estadual de São Paulo*", validaram as enormes dificuldades que os profissionais têm em trabalhar com alunos com TEA, seja por falta de informação, capacitação, falta de apoio da gestão escolar e discussões multidisciplinares que afetam diretamente os alunos, todas identificadas como dificultadoras do processo de ensino e aprendizagem. Que são realmente são as principais causas que os professores usam para limitar-se e se deixar limitar pelo processo e assim, não buscar mais conhecimento ou investir tempo para acrescentar conhecimento no seu dia a dia com as crianças. Usando da perspectiva que se constitui a justificativa das ausências: de que ele não tem como aplicar, porque a escola não tem estrutura, porque as suas aulas são em um horário desfavorável ou a estrutura não ajuda a aplicabilidade da sua metodologia do plano de aula, por exemplo.

Maciel, Vieira e Barbosa (2017) durante suas pesquisas em "*O ponto de vista dos professores de educação física escolar sobre o estudante com transtorno do espectro autista (TEA)*", abordaram algumas questões sobre a formação acadêmica dos professores entrevistados, pois questionaram se as instituições de ensino superior os haviam formado para lidar com esses alunos. Muitos dos participantes não souberam conceituar/identificar nas suas vivências as especificidades do TEA, alguns deles contaram que até tiveram formação suficiente e obtiveram algumas informações sobre o assunto, mas alegaram que esse conhecimento não era suficiente, levando esses profissionais a buscarem conhecimento após sua formação acadêmica.

Assim, a maioria dos profissionais entrevistados, indicou que os professores de Educação Física não estavam preparados para trabalhar com esses alunos devido à sua formação acadêmica. O que observa-se é que até

algumas instituições de ensino superior ainda não reconhecem a grande demanda de crianças que necessitam de profissional capacitado para lidar com a educação inclusiva, onde o cenário educacional do nosso país é extremamente carente de investimento e aplicações fundadas na realidade que temos no cotidiano escolar. Onde, não importando qual a região do país, temos que deter de orientações e conhecimento que fomente o que tanto queremos, que é mais investimento para trabalhar com mais dignidade e proporcionar mais dignidade no ensino que oferecemos.

Ainda sobre as dificuldades no contexto da inclusão na educação, Sousa e Assis (2015), em *“Alunos autistas nas aulas de educação física: limites e possibilidades do trabalho cotidiano”*, encontraram em seus estudos, a falta de orientação sobre educação inclusiva, principalmente para o TEA e falta de capacitação dos professores em abordar esses elementos em suas aulas, já que podemos perceber que as famílias são muito ausentes nesse processo educacional, o que resulta numa interação e comunicação entre as partes interessadas no desenvolvimento da criança mais difícil. Para os professores, a dificuldade está mais no comportamento diferenciado desses alunos, o que gera certo desconforto que acaba atrapalhando a própria aula e toda a turma de alunos, desconforto que provém da ausência de domínio das abordagens sobre educação inclusiva.

De forma consoante, nos achados de Costa, Silva e Santos (2015), *“Adaptações na educação física escolar para inclusão do aluno autista: um estudo de caso”* percebemos que o professor do estudo de caso, não está preparado para atender alunos com TEA, mesmo assim, a escola aceita esses alunos e muitas pessoas a veem como uma escola inclusiva, quando na realidade, pela observação, essa inclusão é quase pouca ou nenhuma.

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, não é possível identificar qualquer mudança para a inclusão de um aluno com TEA na aula de Educação Física desse professor na escola em estudo. Parece que o professor desconhece o espectro, não se preocupa com ela e não faz nenhuma mudança em seu ensino para incluir esse aluno. Fazendo representação a um grande número de profissionais que se permitem esse tipo de comportamento dentro do ambiente escolar e acomodam-se com a

situação que se estabelece por não haver qualquer cobranças ou estímulos que o provoquem a mudar e se estabelecer como professor.

Desse modo, a inexistência dessas mudanças reflete-se na intervenção com o próprio aluno, o seu desempenho participativo nas aulas e a sua compreensão com o ambiente que está inserido, tanto escolar, quanto social. Os autores colocam nesse ponto que, para que a escola em estudo trabalhe para a integração dos alunos com deficiência, são necessárias mudanças em seu currículo, pois mesmo que aceite esses alunos e não faça mudanças para sua aceitação, não pode se qualificar como escola inclusiva.

Nos estudos de Dos Santos, De Paula e De Jesus (2021), "*Crianças com autismo nas aulas práticas de educação física – uma proposta de inclusão*" os autores verificaram também a grande dificuldade que os profissionais, e consideraram que há periculosidade na falta de conhecimento dos educadores, sugerindo assim, que existam palestras ou minicursos ao corpo educacional sobre o tema, dentro da própria instituição de ensino, a fim de que supram tal deficiência uma vez que existe a ciência dela.

Destaca-se que o educador com uma formação fragilizada, que não buscar dar continuidade em aprender, se limita em reproduzir apenas aquilo que aprendeu na sala de aula, vai ter como consequência, uma prática limitada, pois a sua formação não dá conta da realidade concreta do aluno, estabelecendo uma docência ineficiente para as necessidades de todos os alunos.

Essa fragilidade é percebida em sala de aula quando o professor quer garantir uma aula diferente, sair da metodologia da aula expositiva, mas não tem fundamentação, não tem base teórica para realizar tal mudança. Nessa perspectiva, a formação continuada é um dos requisitos básicos para a mudança de uma prática inclusiva, considerando o perfil do aluno e as novas práticas sociais (Lima et al., 2014).

A formação continuada nesse sentido deve partir da realidade do professor, para atender às suas necessidades e garantir uma mudança de postura zelando pela competência no espaço escolar. Os professores como agentes sociais, precisam entender mais sobre as características dessa síndrome para que ela possa sair da zona de preconceito, para que seja mais

bem compreendida e contida principalmente nas escolas, para isso, precisa-se de profissionais capacitados.

Portanto, pensar na formação dos professores é um modo de começar as mudanças na qualidade de ensino propiciando a criação de novos contextos educacionais inclusivos, capazes de proporcionar a aprendizagem a todos os alunos, respeitando todos os ritmos, tempos e superando barreiras, independentemente de qualquer condição.

Diante essa perspectiva, cabem às instituições de ensino evidenciarem a importante atuação do professor diante daquele aluno que necessita de uma atuação mais competente diante das suas necessidades em sala, sobre a configuração e figuração dos recursos humanos e materiais que estão investindo na disciplina de Educação Física em prol da inclusão escolar com a finalidade de formação futuros professores para serem agentes do processo de inclusão escolar. Neste contexto, se na formação inicial e continuada o professor não teve nenhuma disciplina relacionada com a inclusão como, por exemplo, a Educação Física Adaptada, isso irá acentuar o desmantelamento de práticas inclusivas em suas aulas.

Souza e Assis (2018), em *“Alunos autistas nas aulas de educação física: limites e possibilidades do trabalho cotidiano”*, colocam que os professores afirmaram ter uma boa relação com seus alunos autistas e nos dois grupos os profissionais afirmaram haver uma relação de cuidado entre os alunos da escola com os alunos autistas, com demonstração de compreensão e noção sobre como a diferença está presente não só dentro da escola, mas na sociedade. Compreende-se assim, que o fato de colocar crianças com deficiência na sala de aula regular, sem realizar nenhuma mudança na estrutura da escola, no método de ensino, no tempo escolar não possibilita o acontecimento real da inclusão, ou seja, se não houver essas mudanças ainda continuará existindo a exclusão dentro da própria sala de aula.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos analisados apresentam a educação física como elemento de importante contribuição para a inclusão dos alunos com transtorno do espectro autista, os quais enfatizam a atuação do professor para o olhar atento às especificidades dos alunos.

Desse modo, o papel do professor de educação física para a inclusão dos alunos na escola é defendido como fundamental na atuação na educação básica, mas ao mesmo tempo nos convida a pensar em como estamos sendo inseridos neste campo de atuação, especialmente quando destacamos a educação infantil.

Quando nos referimos aos principais desafios encontrados pelos professores de Educação Física, a partir dos artigos analisados, frente à inclusão de alunos com necessidade específica de aprendizagem, estão associados à formação inadequada para exercer a docência em espaços de neurodiversidade.

Como uma das principais dificuldades, relata-se a falta de formação profissional adequada, sem deixar de ressaltar a falta de instalações e equipamentos adequados, barreiras arquitetônicas e físicas, barreiras morais humanas que afetam as práticas de ensino para a participação e outras. Dando ênfase que a maioria dos estudos deu destaque à ausência da formação adequada.

Portanto, é imprescindível um maior investimento na formação continuada dos profissionais da educação como também a mudança de atitudes frente à diferença, com a consequente necessidade de repensar o trabalho desenvolvido nas escolas é, percebe-se, uma barreira de complexa natureza, mais trabalhosa para ser removida, pois se trata de um movimento “de dentro para fora” e isto leva tempo.

Os autores pesquisados, apresentaram a relação direta ou indireta existente entre as principais abordagens da Educação Física e as possibilidades de inclusão dos alunos com TEA, destacando aqueles que podem favorecer efetivamente a participação indistinta de todos os alunos nas aulas de Educação Física Escolar.

Assim, a estimulação e o desenvolvimento da criatividade dos professores tornam-se extraordinariamente importantes já que a criatividade no trabalho pedagógico poderá apresentar novos caminhos que atendam à pluralidade do coletivo escolar numa perspectiva verdadeiramente inclusiva da educação e como parte dela, a Educação Física.

A contribuição do professor de educação física, se concentra nas atividades sensório-motoras desenvolvidas a partir de metodologias que reconhecem os limites e especificidades do aluno com TEA, estabelecendo um processo de aprendizagem inclusivo, especialmente quanto à contribuição para a sociabilidade e relação com mundo destes estudantes.

Este estudo apresenta algumas limitações, como o quantitativo de estudos que foram analisados, as organizações em relação às especificidades para o levantamento dos dados, visto que queríamos estabelecer as análises nos estudos que se aproximasse da realidade de ensino que vemos no nosso país e que demarcassem o que realmente acontece com o profissional de educação física em uma sala de aula, o seu relacionamento com as crianças e a sua abordagem com a educação inclusiva, disponíveis nas bases de dados consultadas, apresentando um déficit de publicações e uma lacuna no processo de construção sobre inclusão e educação física..

Desse modo, faz-se necessário estudos mais aprofundados sobre a temática para a ampliação das discussões sobre o papel do professor de educação na inclusão de alunos com TEA, trazendo um olhar amplo sobre as atuações do professor de educação física com este público, especialmente na educação básica pública.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia científica**. São Paulo: Cengage, 2016.

BENINI, Viviane; CASTANHA, André Paulo; BENINI, W. Castanha. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. **Cadernos PDE, Paraná**, v. 1, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pd_e/2016/2016_artigo_ped_unioeste_wivianebenini.pdf. Acesso em: 23 set. 2022.

BEZERRA, Tiago Lopes. Educação inclusiva e autismo: a educação física como possibilidade educacional. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício**. 2016. Disponível em: <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/revistafisiologia/article/view/3340>. Acesso em: 05. maio.2022.

BOATO, Elvio Marcos et al. Expressão corporal/dança para autistas-um estudo de caso. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 1, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/17904>. Acesso em: 20.set.2022.

CAMARGO, Siglia Pimentel.; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo, definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/6994>

CATELLI, Carolina Quedas et al. **O transtorno do espectro autista e a educação física escolar: a prática do profissional da rede estadual de São Paulo**. CIAIQ2016, v. 1, 2016. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/592>. Acesso em: 20.set.2022.

CHICON, José Francisco; DE CARVALHO CRUZ, Gilmar. Formação continuada, Educação Física e inclusão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, 2016. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2170>. Acesso em: 20.set.2022.

COSTA, Vanderlei Balbino da. Inclusão escolar na educação física: reflexões acerca da formação docente. Motriz: **Revista de Educação Física**, v. 16, p. 889-899, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/9N9DkRd7ZZJXbNvYTRD5hxb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20.set.2022.

COSTA, Ana Paula; DA SILVA, Karine Barros; DOS SANTOS, Wemyclênia Lira. Adaptações na educação física escolar para inclusão do aluno autista: um estudo de caso. **[TESTE] Encontro Alagoano de Educação Inclusiva**, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/eaei/article/view/2150>. Acesso em: 22.09.2022

CUNHA, Raíssa Forte Pires; GOMES, Adriana Leite Limaverde. Concepções de professores de Educação Física sobre inclusão escolar. **Práxis Educativa**, v. 12, n. 2, p. 414-429, 2017.

DSM -5-MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS: DSM-5. **American Psychiatric Association**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DA SILVA Caetano, Ubirajara; DE OLIVEIRA Gomes, Marineide. intervenções lúdicas inclusivas: possibilidades e dificuldades de interação e comunicação de crianças com transtorno do Espectro Autismo (TEA) em aulas de Educação Física Infantil. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 30, n. 01, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/12832>. Acesso em: 20.set.2022.

DOS SANTOS, Larissa Nascimento; DE PAULA, Vitor Matsui; DE JESUS. Ivan. Crianças com autismo nas aulas práticas de educação física—uma proposta de inclusão. **BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 28, n. 22, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/9920>. Acesso em: 20.set.2022.

FERNANDES, Cleonice Terezinha; MACIELA, Cilene Maria Lima Aantunes. Corpo e Aprendizagem: a Importância do Professor de Educação Física na Educação Infantil. **UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ.**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 99-108, jun. 2014. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgskroton.com.br/article/view/534>. Acesso em: 20.set.2022.

FRANZONI, Wihanna Cardozo de Castro; MARINHO, Alcyane. O papel do professor de Educação Física na atuação com pessoas com transtorno do espectro autista em um programa de esportes e lazer de Florianópolis (SC). **Revista de Educação Física, Esporte e Lazer**, v. 32, n. 61, p. 01-22, 2020, Santa Catarina. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175042.2020e65391#:~:text=Constatou%2Dse%20que%20o%20professor, baseadas%20em%20estrat%C3%A9gias%20da%20%C3%A1rea>. Acesso em: 01.set. 2022.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Dificuldades e Sucesso de Professores de Educação Física em Relação à Inclusão Escolar. **Revista brasileira de educação especial**, v.22, n. 1, p. 49-64, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/9DgGGb7khDNxQX8CK7hrqGj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20.set.2022.

FLAMEA, Andresa Gabriela; BARETTA, Marly. O trabalho com alunos autistas nas aulas de educação física. Seminário de Iniciação Científica e Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2018. **Unoesc**. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/siepe/article/view/18669>. Acesso em: 22.set.2022.

FONSECA, B. **Mediação escolar e autismo**: a prática pedagógica intermediada na sala de aula. RJ: Wak Editora, 2014.

ROTHER, E. T.. Revisão sistemática X revisão narrativa. Acta Paulista de Enfermagem, v. 20, n. 2, p. v–vi, abr. 2007.

KISTT, Thielly.; GONÇALVES, Patrick Silveira. Desafios e estratégias na prática docente de professores de educação física com estudantes com transtorno do espectro autista. **Revista Biomotriz**, v. 15, n. 1, p. 246-258, 2021. Disponível em: <https://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/biomotriz/article/view/497/384>. Acesso em: 20. set 2022.

LIMA, Ricardo et al. **Formação inicial de professores de Educação Física**: a perspectiva dos estudantes estagiários. Formação inicial de professores: reflexão e investigação da prática profissional. Porto: Editora FADEUP, 2014.

MACIEL, Eduardo da Silva; VIEIRA, Aislan Vanderlei; BARBOSA, Marily Oliveira. O ponto de vista dos professores de educação física escolar sobre o estudante com transtorno do espectro autista (tea). Encontro Alagoano de Educação Inclusiva, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/eaei/article/view/3818/0>. Acesso em: 20.set.2022.

MARTINS, J. DOS S.; CAMARGO, S. P. H.. A adaptação de crianças com autismo na pré-escola: estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 104, p. e5014, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/RFv9XMsqs6YgVxB9RHGBjtz/#>> Acesso 20 jun 2023.

MELLO Lucas Augusto de; FIORINI, Maria Luiza Salzani; COQUEIRO, Daniel Pereira. Benefícios da educação física escolar para o desenvolvimento do aluno com transtorno do espectro autista na percepção dos professores. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/9183>. Acesso em: 23.out.2022.

MAIA, Juliana; BATAGLION, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. Alunos com transtorno do espectro autista na escola regular: relatos de professores de educação física. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 21, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/9696>. Acesso em: 20.set.2022.

MIRANDA, Theresinha Guimarães.; FILHO, Teófilo Alves Galvão. **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFABA, 2012;

NABEIRO, M.; SILVA, F. C. T. Atividade física e transtorno do espectro autista. In: Atividade física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 4. ed. Barueri: Manole, 2019. p. 97-122.

OLIVEIRA, Karina Griezi; SERTIE, Andrea Laurato. Transtorno do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Revista Revendo Ciências Básicas**, Hospital Albert Einstein, p. 233-8, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/YMg4cNph3j7wftqmKzYsst/?lang=pt>. Acesso em: 20.set.2022.

PEZZUOL, Maria de Lourdes de Moraes. Contribuições da educação física escolar na inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) no ensino público regular do estado de São Paulo – um estudo de caso. **Revista Acadêmica - Ensino de Ciências e Tecnologias**. Disponível em: https://intranet.cbt.ifsp.edu.br/qualif/volume01/Artigo01_08_ABNT.pdf. Acesso em: 22.set.2022.

ROSSI, Fernanda; HUNGER, Dagmar. As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 323-338, 2012.

SANTOS, Claudiella Nunes da Silva; et al. **A contribuição das aulas de educação física para a inclusão do aluno com TEA**. VII Encontro Alagoano de Educação Inclusiva. 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/eaei/article/view/3814>. Acesso em: 20.set.2022.

SANTOS, Larissa Nascimento dos; Paula, Vitor Matsui de; FERREIRA, Ivan de Jesus. CRIANÇAS COM AUTISMO NAS AULAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: uma proposta de inclusão. **Revista IUS -Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v 28, n 22, 2021, p 01-14. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/9920>> Acesso em 20 set 2022.

SCHLIEMANN, André., ALVES, Maria Luíza Tanuré., DUARTE, Edison. Educação física inclusiva e autismo: perspectivas de pais, alunos, professores e seus desafios. **Revista Brasileira De Educação Física E Esporte**, 34(Esp.), 77-86. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1807-5509202000034nesp077>. Acesso em: 20.set.2022.

SILVA, Michela Carvalho. **Educação Inclusiva**. Porto Alegre: SAGAH, 2017.

SILVA, Isabela Carolina Pinheiro; PREFEITO, Carina Regina; TOLOI, Gabriela Galucci. Contribuição da Educação Física para o desenvolvimento motor e social do aluno com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista da Associação. Brasileira. Atividade Motora Adaptada**. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/9072>. Acesso em: 07 set.2022.

SOUSA, Priscilla de Araújo Costa. Educação Física e inclusão: experiências no estágio supervisionado na educação infantil. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 15, n. 1, p. 246-265, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/12144>. Acesso em: 20.set.2022.

SOUZA, Jessica Rezende; DE ASSIS, Renata Machado. Alunos autistas nas aulas de educação física: limites e possibilidades do trabalho cotidiano. **Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino (EDIPE) do Centro de Estudos e Pesquisas em Didática (CEPED)**, v. 6, 2015. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11755/8046>. Acesso em: 22.set.2022.

TSELZER, F. G. **Aspectos neurológicos do autismo**. v. 2. Epidemiologia do Autismo. São Paulo: Manole.2010.